

RELATÓRIO DA APRESENTAÇÃO DOS GTs DO PROJETO MTSD



Organizadores: FORMAD e UNEMAT

Apoio e Colaboração: MISERIOR, Fundação Bool, Brasil Sustentável e Democrático – BSD e FASE.

Reladoras:

Paula Vanucci

Jonia Fank

Cuiabá, Fevereiro de 2005

SUMÁRIO

1. Apresentação
2. Breve Síntese do Processo de Construção do MTSD
3. Encontro do dia 04/12/2004
- Apresentação dos GTs
 1. GT Agricultura
 2. GT Cidades
 3. GT Agroindústria
 4. GT Mineração
 5. GT Turismo
 6. GT Terras Indígenas
 7. GT Recursos Hídricos
4. Encaminhamentos
5. Anexos
 - 5.1 Pauta da reunião dia 04 dezembro 2004.
 - 5.2 Relação dos GTs e seus respectivos coordenadores
 - 5.3 Lista dos participantes da reunião 04.12.04
 - 5.4 Matriz analítica
 - 5.5 Lista das instituições envolvidas com o Projeto MTSD
 - 5.6 Fotos

1. Apresentação

O presente relatório é resultado da reunião convocada pelo FORMAD – Fórum Matogrossense de Meio Ambiente e Desenvolvimento e UNEMAT – Universidade Estadual de Mato Grosso, do dia 04 de dezembro de 2004, no Clube da Caixa, que teve por objetivo a socialização dos dados preliminares levantados pelos GTs setoriais do Projeto Mato Grosso Sustentável e Democrático – MTSD.

Dos onze¹ GTs que integram este processo, (Agricultura, Cidades, Agro-indústria, Turismo, Mineração, Educação, Extrativismo Vegetal e Animal, Infra-estrutura, Unidades de Conservação, Terras Indígenas e Recursos Hídricos), quatro não puderam, no momento, apresentar seus dados. Estiveram presentes 34 pessoas representando quinze instituições.

A reunião contou também com a participação de Valmir Ortega, Ministério do Meio Ambiente, que apresentou o Projeto de Reserva da Biosfera, como uma contribuição da discussão elaborada pelo GT de Recursos Hídricos.

O texto que se segue está dividido em três partes, sendo a primeira, uma breve síntese das ações desenvolvidas para a construção e execução do Projeto MTSD; a segunda, apresentação feita pelos grupos, aqui reproduzidas conforme expostas no data show² e repassadas à secretaria do FORMAD e; a terceira que trata dos encaminhamentos tirados no encontro. Ao final do texto apresentamos também uma parte de anexos como informações adicionais.

¹ O GT Unidades de Conservação e Terras Indígenas foi dividido totalizando 11 GTs dos 10 inicialmente previstos.

² A maioria dos dados apresentados estavam formatados como tabelas e mapas. Optamos por apenas enumerar nominalmente os títulos de cada uma, ao invés de apresentar cada tabela e mapa.

2. Breve síntese do processo de construção do MTSD.

O Projeto Mato Grosso Sustentável – MTSD tem por objetivo estimular as experiências e propostas dos movimentos sociais, organizações populares e organizações não-governamentais, à elaboração de um modelo de desenvolvimento alternativo em Mato Grosso, produzindo novos enfoques analíticos, novos indicadores e novas idéias para uma mudança social pautada na sustentabilidade.

A primeira discussão para consolidação do MTSD se deu em setembro de 2002 com a realização do Seminário “*Brasil e Mato Grosso Sustentáveis e Democráticos*”. Este evento, organizado em parceria com o projeto interinstitucional Brasil Sustentável e Democrático – BSD, ABONG – CO, GERA/UFMT; Mestrado de Agricultura Tropical/UFMT, UNEMAT e UNIVAG, culminou com a definição do FORMAD como responsável por fomentar as discussões e articulação entre as instituições participantes.

Em 05 de maio de 2003 é realizada na OPAN – Operação Amazônia Nativa, a primeira reunião de trabalho com todos envolvidos no processo. Tendo como referência o Projeto Nacional do BSD, foram definidas as bases do Projeto Estadual MTSD, delineados seus objetivos, sua metodologia bem como um esboço inicial de sua matriz analítica. Esse trabalho contou com a assessoria de José Augusto Pádua, consultor do Projeto Nacional BSD.

Objetivando a continuidade das ações para a construção do MTSD, foi organizada a “Oficina de Definição da Matriz Analítica”, realizada no auditório do Instituto de Educação da UFMT, em julho de 2003. Também assessorada pelo consultor José A. Pádua, esta oficina definiu a matriz analítica com os eixos setoriais e eixos temáticos e; subsidiou a discussão, dos conceitos norteadores (Sustentabilidade e Democracia) trazendo ao debate uma análise histórica e social do modelo de desenvolvimento brasileiro; a concepção de origem do conceito de sustentabilidade e a sua atual apropriação e; as bases da idéia de desenvolvimento sustentável.

Os objetivos do Projeto ficaram assim definidos: a) Qualificar nossa intervenção junto à sociedade e às políticas públicas; b) Formar militantes da sustentabilidade; c) Propor alternativas; d) Diagnosticar situações; e)

Concentrar forças aproximando atores sociais; f) Fornecer subsídios para as ações políticas influenciarem programas que incorporem a visão de sustentabilidade e; g) Aumentar o grau de consciência da sociedade sobre desenvolvimento sustentável.

A metodologia de trabalho está pautada em três aspectos macro que se relacionam e que demandam uma série de ações, são eles: a) Sensibilização e formatação do Projeto; b) Diagnósticos Setoriais - oficinas e; c) Publicização dos Projetos. Está presente a concertação inter-institucional, construção dos instrumentos de pesquisa e interação nas regiões, diagnóstico com base em dados secundários, seminários de debate sobre os resultados do diagnóstico, realização de estudos de caso, eventos de debate com a sociedade para levantamento de propostas alternativas e publicação dos resultados.

Como uma das ações metodológica prevista, os trabalhos foram divididos por áreas setoriais e/ou GTs, responsáveis pelos estudo e levantamento de dados específicos. Os GTs constituídos foram: Mineração, Agro-indústria, Turismo, Infra-estrutura, Educação, Agricultura, Cidades, Extrativismo vegetal e animal, Recursos hídricos, Unidades de conservação e Terras indígenas.

Elegeu-se também o FORMAD e a UNEMAT como instituições co-responsáveis e patrocinadoras do Projeto. Apontou-se a necessidade de cada GT eleger um representante para compor a Coordenação Geral, constituído por estes representantes e pela coordenação interinstitucional (FORMAD e UNEMAT).

Em novembro de 2003 os projetos MTSD e BSD fazem parte da programação do “Festival Ecológico Cultural das Águas do Pantanal”, no “Espaço de diálogo”, apresentados por Elton Rivas e Jean Pierre Leroy.

Ao longo do referido ano, várias foram as reuniões internas realizadas entre a coordenação inter-institucional (FORMAD e UNEMAT) e os assessores do BSD (José .A. Pádua e Jean Pierre). Também foram organizadas reuniões da Coordenação Geral. Por sua vez os GTs organizaram reuniões internas seguindo ao cronograma de trabalho estabelecido por cada um.

Em abril de 2004 o MTSD é formalmente apresentado, em um Seminário constituído para este fim, na cidade de Chapada dos Guimarães. Além dos representantes institucionais integrantes do processo, participaram também

deste evento: a Coordenação do Projeto Brasil Sustentável e Democrático; a Secretaria de Desenvolvimento Sustentável do Ministério do Meio Ambiente; a Coordenação Nacional do Programa Pantanal; o PROARCO/IBAMA; o Instituto Socioambiental – ISA; Amigos da Terra - Amazônia Brasileira e o Dep. Fed. Carlos Abicalil.

Em agosto de 2004 é apresentada uma primeira análise dos dados levantados pelos GTs de Agricultura, Turismo e Mineração, no Festival das Águas realizado em Luciara – MT.

O Projeto MTDS finalizou o ano de 2004 com a apresentação preliminar dos dados coletados pelos GTS, no encontro que originou este relatório e que descreveremos a seguir.

3. Encontro do dia 04/12/2004

Os trabalhos tiveram início com Vicente Puhl, FORMAD/FASE apresentando uma síntese dos diferentes momentos constituídos do Projeto MTSD, seguido de informes como: a) o recurso financeiro repassado pelo BSD/FASE e com apoio da Fundação Bool, no valor de 23.000,00 destinados aos estudos realizados pelos GTs, bem como a realização de seminários para a apresentação desses estudos e a publicação de dois boletins e; b) a sinalização positiva da SDS – Secretaria de Desenvolvimento Sustentável/Ministério do Meio Ambiente, para financiamento de dois projetos sendo; um para levantamento de experiências produtivas sustentáveis (já elaborado) e, outro para o levantamento das potencialidades de Turismo e ações.

Também foi dado ênfase à necessidade dos GTs em levantarem dados referentes a região do Araguaia e aproveitou-se para repassar as informações sobre a participação dos GTs de Agricultura e Turismo no Festival das Águas realizado em Luciara – MT em agosto de 2004.

Essa apresentação foi finalizada com a leitura dos objetivos gerais do Projeto MTSD, reproduzida abaixo:

Objetivos Gerais:

1. Promover o debate participativo sobre o modelo de desenvolvimento do Estado de Mato Grosso com ênfase nos aspectos social, econômico e ambiental;
2. Avaliar os estudos e diagnósticos já existentes sobre a realidade sócio-econômica, política e ambiental dominante no Estado de Mato Grosso, realizando novas análises do espaço sócio-ambiental, das políticas públicas, das organizações sociais, do trabalho e renda, dos serviços básicos e do comércio internacional e finanças;
3. Promover a construção de um modelo alternativo pautado na sustentabilidade sócio-ambiental, nos princípios democráticos, na competência organizativa, na justiça social e ambiental e em condições dignas de vida para toda a população, com ênfase naquela parcela tradicionalmente excluída do processo de desenvolvimento no Estado.
4. Estimular o surgimento de iniciativas, articulações e redes políticas que possam promover a transição gradual para este modelo alternativo.
5. Capacitar e subsidiar atores sociais para formular propostas, aperfeiçoar a relação com a sociedade e intervir nas políticas públicas.

3. 1 APRESENTAÇÃO DOS GTS

1). GT AGRICULTURA

O GT Agricultura iniciou a construção de um Sistema de Informações Geográficas (SIG) para armazenar, gerenciar e analisar informações relativas às atividades agropecuárias do Estado de Mato Grosso, como: vegetação, uso do solo, aptidão agrícola, estrutura fundiária, produção agrícola e pecuária, sistemas produtivos, perfil da agricultura familiar nas diversas regiões do Estado etc.

A idéia é que outras informações de fontes governamentais como também de não governamentais possam ser agregadas ao SIG como: Saúde, Educação, Transporte, Mineração, Unidades de Conservação e Terras Indígenas, Extrativismo etc, bem como estudos e diagnósticos participativos realizados por Universidades, ONGs, prefeituras, conselhos, associações,

cooperativas etc, em várias áreas de interesse. Nesse sentido o SIG se transformaria em um poderoso instrumento de planejamento e tomada de decisões da sociedade civil.

O SIG do GT Agricultura está sendo alimentado, inicialmente, pelas informações contidas no:

- Zoneamento Econômico Ecológico do Estado do MT;
- Censo Agropecuário do IBGE 1995/1996;
- Cadastro de Imóveis do INCRA 1998 e
- Anuário Estatístico da SEPLAN 2002.

O GT apresentou alguns resultados do SIG na área de agricultura sendo eles:

a) Mapas Contendo:

1. Os 10 maiores municípios produtores de algodão, soja, mamona, feijão, cana-de-açúcar, café, milho, arroz, mandioca e leite;
2. As 13 regiões do Diagnóstico Agrônomo AHP (SEPLAN);
3. A concentração de terras em MT;
4. O percentual de imóveis rurais com área de 10.000 ha por município de MT;
5. O percentual de imóveis rurais com área entre 2.000 e 10.000 ha por município de MT;
6. O percentual de imóveis rurais com área entre 500 e 200 ha por município de MT;
7. O percentual de imóveis rurais com área entre 50 e 500 ha por município de MT;
8. O percentual de imóveis rurais com menos de 50 ha por município de MT.

b) Quadros Contendo:

1. Distribuição dos produtores segundo o caráter gerencial percentual do número de produtores, percentual da área antropizada, por tipo de atividade principal, (por tipo de gerenciamento) por região e para o Estado – MT, 1996; Tecnologia do manejo agrícola, nível tecnológico, percentual do número de produtores com agricultura, percentual do

número de produtores e da área agrícola segundo o nível tecnológico, por região e para o Estado – MT, 1996; Tecnologia do manejo pecuário, nível tecnológico, percentual do número de produtores com pecuária, percentual do número de produtores e da área de pastagens segundo o nível tecnológico, por região e para o Estado – MT, 1996; Distribuição dos produtores segundo a atividade principal, percentual do número de produtores, percentual da área antropizada, por tipo de atividade principal, por região e para o Estado, MT, 1996.

2) GT CIDADES

Este GT deu início aos trabalhos apresentando os 18 municípios do Estado de Mato Grosso situados à margem da BR 163, sendo eles: Cuiabá, Várzea Grande, Jangada, Rosário Oeste, Nobres, Diamantino, Nova Mutum, Lucas do Rio Verde, Sorriso, Vera, Sinop, Cláudia, Itaúba, Nova Santa Helena, Terra Nova do Norte, Peixoto de Azevedo, Matupá e Guarantã do Norte.

Os quadros apresentados constaram de informações relacionadas aos referidos municípios do seguinte teor:

1. População residente por sexo, situação do domicílio, taxa de crescimento anual, densidade demográfica.
2. Estabelecimentos Industriais e Funcionários segundo o Ministério do Trabalho e Emprego/1999.
3. Indústrias Extrativas Mineral, segundo cadastro de atividades da SEFAZ, MT/2002, por: Município; Extração de carvão mineral; Extração de minerais metálicos e Extração de minerais não metálicos.
4. Indústria de Transformação, segundo cadastros de atividades da SEFAZ, MT/2000 por: Município; Fabricação de produtos alimentícios e bebidas; Fabricação de produtos do fumo; Fabricação de produtos têxteis; Confeção de vestuários e acessórios; Fabricação de artefatos de couro; Fabricação de produtos de madeira; Fabricação de celulose, papel e produtos de papel; Editoração, impressão e reprodução de gravações; Fabricação de produtos químicos; Fabricação de artigos de borracha e plásticos, Fabricação de produtos de minerais não-metálicos; Metalurgia básica e Fabricação de produtos de metal inclusive máquinas e equipamentos.

Indústria de Transformação, segundo cadastros de atividades da SEFAZ, MT/2000 por: Município; Fabricação de máquinas e equipamentos; Fabricação de máquinas aparelhos e materiais elétricos; Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicação; Fabricação de equipamentos de instrumentação médico-hospitalar; Fabricação de montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias; Fabricação de outros equipamentos de transporte; Fabricação de móveis e indústrias diversas; Reciclagem e Total.

5. Comércio Atacadista e Varejista segundo cadastro da SEFAZ – MT/2002, por: Municípios; Comércio a varejo e por atacado de veículos automotores; Manutenção e recuperação de veículos automotores; Comércio a varejo e por atacado de peças e acessórios para veículos automotores; Comércio, manutenção e reparação de motocicletas. Partes, peças e acessórios; Comércio a varejo de combustíveis; Intermediários do comércio; Comércio atacadista de produtos agropecuários “Inatura” e produtores alimentícios para animais; Comércio atacadista de produção de alimentos, bebidas e fumo; Comércio atacadista de artigos de uso pessoal e doméstico; Comércio atacadista de produtos intermediários não agropecuários, resíduos e sucatas e; Comércio atacadista de máquinas, aparelhos e equipamentos para uso agropecuário, comercial de escritório, industrial, técnico e profissional.

5.1. Comércio Atacadista e Varejista segundo cadastro da SEFAZ – MT/2002, por: Municípios; Comércio atacadista de mercadorias em geral ou não compreendidas nos grupos anteriores; Comércio varejista não especializado; Comércio varejista de produtos alimentícios, bebidas e fumo, em Lojas especializadas; Comércio varejista de tecidos e artigos de armarinhos, vestuário, calçados e lojas especializadas; Comércio varejista de outros produtos em lojas especializadas; Comércio varejista de artigos usados e lojas; Comércio varejista não realizado em lojas; Reparação de objetos pessoais e domésticos e; Total.

6. Estabelecimentos e Funcionários no Comércio Atacadista – 2002, por: Município; Número de estabelecimentos e; Número de Funcionários.

7. Mercados públicos e Feiras Livres por: Municípios; Número de mercados públicos; Número de Box; Área coberta (m²); Câmara fria; Número de feiras livres e; Número de feirantes.
8. Dados Sócio-Econômicos e Demográfico dos Municípios por: Município; Ano de criação; Distância de Cuiabá (km); Área (km²); População (1996, 2000, 2004); Taxa de Crescimento anual, 1996/2000; Taxa de urbanização (2000); Número de eleitores (2004); Taxa de mortalidade infantil (1999); Percentual de analfabetos (2000); Rendimento médio mensal do chefe de família (s.m.) (2000); Percentual de domicílios com abastecimento de água (2000); Índice de desenvolvimento humano – IDH (2000) e; PIB (preços de mercado) (valor nominal de R\$ 1000) – 2000.

Esse GT utilizou como fontes:

- Anuário Estatístico de Mato Grosso – 2003
- SEPLAN/FIBGE/TRE/DATASUS/Atlas do Desenvolvimento Humano
- IBGE – 2000

Foram também apresentadas as seguintes considerações:

A ocupação efetiva do Estado de Mato Grosso, especificamente dos municípios que compõem a região norte, deu-se através dos programas Modernos de Colonização. O governo federal por meio de incentivos favoreceu a ocupação da Amazônia Mato-grossense.

O processo de Colonização da região norte, conhecida popularmente como “Nortão”, e parte do Centro Sul, teve grande influência da BR 163 construída na década de 70.

Os municípios situados a margem da referida rodovia assim estão distribuídos:

Região Norte: Rosário Oeste, Nobres, Diamantino, Nova Mutum, Lucas do Rio Verde, Sorriso, Vera, Sinop, Cláudia, Itaúba, Nova Santa Helena, Terra Nova do Norte, Peixoto de Azevedo, Matupá, Guarantã do Norte.

Região Centro Sul: Cuiabá, Várzea Grande, Jangada e Acorizal.

Segundo historiadores, houveram dificuldades relacionadas a questões sociais inerentes aos próprios programas de colonização e ao clima que interferiram no processo de povoamento da região. O extremo norte recebe chuvas, durante longo período do ano, dificultando a movimentação por estradas não pavimentadas e tornando-as intransitáveis. O não conhecimento desta situação implicou também em sacrifícios adicionais, potencializando ainda mais as dificuldades.

A região que era habitada inicialmente por nações indígenas, ao poucos foi sendo ocupada por colonos vindos de outras regiões do país, sendo uma grande maioria, oriundos dos Estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Os pioneiros vinham atraídos pelas riquezas minerais, vegetais da região e pela possibilidade de aquisição de terra em grande quantidade. Além desses atrativos, havia o incentivo do governo para o povoamento da região através dos Programas de Colonização.

Os municípios da região Centro Sul do Estado, situados a margem da BR 163, possuem características semelhantes, aos demais mencionados, em relação ao seu processo de ocupação. Porém Cuiabá, Várzea Grande e Jangada diferenciam-se pelo fato de serem áreas de antiga ocupação, onde os pioneiros foram atraídos para a região em busca do ouro, no início do século XVIII.

A distribuição da população nos territórios municipais de Cuiabá e Várzea Grande, destacam-se por ter uma maioria absoluta residindo na zona urbana. As referidas cidades, apresentam-se bem servidas de infra-estrutura e equipamentos sociais de referência estadual. Possuem os maiores centros industriais e de prestação de serviços do Estado. O entorno rural, conforme mencionado possui baixa densidade, como também pouca atividade produtiva.

No que se refere a Jangada e Acorizal, a maioria da população encontra-se na zona rural, destacando-se como atividades econômicas desenvolvidas na região a agricultura de subsistência e a pecuária de corte e leiteira.

De acordo com dados do IBGE-2000, o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH referentes a esses municípios se apresenta da seguinte

forma: Cuiabá – 0,821, Várzea Grande – 0,790, Acorizal – 0,695, Jangada – 0,680 e Acorizal (falta os dado).

3) GT AGROINDÚSTRIA

Mato Grosso Sustentável - Cadeias Agro-industriais

Os sistemas agrários de Mato Grosso se constituem em rica diversidade, em razão da formação ecossistêmica e dos biomas que compõem seu território. Os recursos naturais, bem como a ação antrópica, conformam sistemas produtivos facilmente identificáveis e descritivos. São constatadas formas de utilização dos recursos que implicam maior artificialidade do ambiente como o nível mais próximo do natural. Assim, podemos verificar sistemas de agriculturas de consumo e itinerante, pastoril, misto de exploração agrária, sistema de produção vegetal, produção animal, industrial de produção de alimentos, extrativismo, silvicultura, pesca e agro-turismo. Estes sistemas agrários apresentam-se sob variadas formas de apropriação dos recursos naturais que vão desde a individual e familiar até a coletiva. Mato Grosso possui, na sua maior extensão de área, um sistema monocultural, como ocorre com a produção de soja, algodão, cana-de-açúcar, milho, arroz e pecuária extensiva, sendo que em número é maior os sistemas diversificados e consorciados dos agricultores familiares e assentados de reforma agrária.

A produção nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas para a safra 2002/2003, perfaz um total de 122.500 milhões de toneladas, sendo 26,02% superior a obtida em 2002. Em termos absolutos, a produção de cereais, leguminosas e oleaginosas está assim distribuída: Região Sul, 58,132 milhões de toneladas; Centro-Oeste, 37,553 milhões de toneladas; Sudeste, 16,052 milhões de toneladas; Nordeste, 8,054 milhões de toneladas e Norte, 2,667 milhões de toneladas.

Em Mato Grosso há estimativa de safra recorde, sendo que o arroz aumentará a área em cerca de 40 % e a soja em torno de 20%. O Arroz é cultura de abertura de área, mesmo assim já há produtores plantando soja diretamente no primeiro plantio. A Soja conta também com a incorporação das

áreas de pastagens. A cultura de soja, já no ano de 2005, poderá incorporar grande parte da área de arroz que na safra 2003/04 sofre aumento vertiginoso.

Dada a importância econômica - a capacidade de geração de empregos e vantagens comparativas - as atividades produtivas de Mato Grosso estão estruturadas nas cadeias produtivas da carne, couro e leite, piscicultura, madeira e móveis, construção civil, algodão e vestuário, turismo, soja e milho, fruticultura, aves e suínos e cana-de-açúcar. A cadeia de madeira e a cadeia de móveis contam com elos na cadeia principal, com o reflorestamento, extração da madeira nativa, exploração florestal, madeireira e fábricas de laminados, indústria de móveis, lojas de móveis e consumidores. A cadeia auxiliar conta com transportes, indústria metalúrgica, escolas e centros de tecnologias.

Faltam no Estado outros elos como indústria química, indústria de equipamentos, assessoria em “design” e indústria de acessórios e de material auxiliar. A cadeia de suínos e aves tem o privilégio de contar com a existência de todos os elos da cadeia no Estado, como produção primária, frigoríficos, distribuição e comércio e consumidores. Na cadeia auxiliar, Mato Grosso possui as estruturas de transportes, projetos e financiamento, faltando centros de pesquisa, indústrias de máquinas e equipamentos e insumos, bem como a sua produção primária.

O turismo participa com grande capacidade de geração de emprego e renda e possui todos os elos no Estado. A cadeia da piscicultura pode tornar alternativa à falta de produção de escala, quando se leva em consideração a produção primária em tanques de espécies, como piraputanga, tambacu, matrinxã, pacu, pintado, tambaqui, e os alevinos em grande quantidade.

Mato Grosso possui as estruturas necessárias ao desenvolvimento da produção pesqueira como indústria, comércio e consumidor. Mas, faltam-lhe alguns elos da cadeia auxiliar, como indústria de rações, de produtos veterinários e sanitários, de equipamentos e centro de treinamentos.

A cadeia da fruticultura possui vantagens comparativas e relativas aos fatores climáticos, mas possui deficiências na tecnologia e na política agrícola. Tem potencial para se desenvolver, tendo-se em vista que todos os elos da cadeia se fazem presente no Estado, desde a produção primária, passando pelo beneficiamento, armazenamento e industrialização e comércio local, mas

não atinge o comércio exterior por falta de incentivo. A cadeia auxiliar, possui apoio tecnológico, transportes e mercado regional, mas faltam insumos e equipamentos. Esta cadeia se desenvolve principalmente em pequenas áreas e escala.

A cadeia da soja e milho é oligopolizada à atividade de aquisição dos produtos primários por seis grandes empresas: Cargill, Maggi, ADM, Sperafico, Bungue e Encomind. É uma das cadeias mais completas do Estado, desde a produção primária, industrialização, através do esmagamento e moagem dos produtos (farelo) e refino de óleo. Possui indústria de alimentos, distribuição e comércio e consumidor. Não possui somente indústria de rações. Na cadeia auxiliar, só não possui indústria de equipamentos agrícolas.

A cadeia da carne/couro/leite bovino está bem estruturada, com o maior rebanho bovino do Brasil e produção primária abundante de baixo custo de produção devido à criação extensiva. A cadeia principal está servida de toda a estrutura produtiva. Aliás, somente há falta da indústria de calçados na cadeia intermediária e de equipamentos e química, na cadeia auxiliar.

A cadeia do algodão e do vestuário conta com forte incentivo através de programas como Proalmat, e a cultura do algodão tem um alto rendimento médio. É uma cadeia completa até o consumo final. Na cadeia auxiliar é que falta a indústria de equipamentos, serviço de apoio e manutenção e centros de “design”.

A cadeia da cana-de-açúcar, que vai desde a produção, industrialização do açúcar, álcool e geração de energia, passando pela distribuição e comércio e consumidor, carece do elo da alimentação e bebidas, alimentação animal e farmoquímica. A cadeia secundária carece de indústria de equipamentos e fertilizantes e produtos agrícolas.

4) GT MINERAÇÃO

O desbravamento, ocupação e povoamento do Estado de Mato Grosso estão intimamente vinculados à produção mineral.

As primeiras explorações de ouro e diamantes datam do século XVIII; a partir desse momento, o território de Mato Grosso, especialmente em suas porções Sul, Centro, Sudoeste e Leste, foi exaustivamente pesquisado e explorado por magotes de garimpeiros, vindos do Sul do País ou de outras

regiões mineradoras em decadência, como as Minas Gerais e a Chapada de Diamantina.

Entretanto, é de especial interesse a consideração dos processos que ocorreram durante as décadas de 70 e 80.

Na classificação do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), do Ministério de Minas e Energia, os recursos minerais dividem-se em quatro categorias: a) Minerais metálicos, b) Minerais não-metálicos, c) Gemas e diamante e, d) Minerais energéticos.

Quadros Contendo:

1. A produção mineral do Estado de Mato Grosso – 2002 por: Substância Mineral, Unidade de medida, Ano de 2001 e Ano de 2002; Locais de exploração dos principais minérios extraídos no Estado de Mato Grosso por: Tipo de Minério e Localização;
3. Municípios produtores de calcário no Estado de Mato Grosso e; população garimpeira no Estado de Mato Grosso, segundo principais pontos de concentração - 1995

Fontes Utilizadas:

- Levantamento Nacional dos Garimpeiros - Relatório Analítico. In Tecnologia Mineral no 45 - DNPM, Brasília, 1995.
- DNPM-MT, 2003.MME/DNPM, Anuário Mineral Brasileiro, 1997.

5) GT TURISMO

Esse GT apresentou dados gerais em plano nacional, apontando como destaque os seguintes aspectos:

a) Sócio-Cultural

- Diversidade étnica
- Migrantes
- Cultura Mercantilizada
- Frágil participação popular
- Educação
- Novas Institucionalidades
- História
- “IDENTIDADE E AFETIVIDADE COM O ESPAÇO”

b) Gênero

- É transversal, porém tem que ser ressaltada
- O trabalho desprezado da mulher
- A prostituição
- **Sustentabilidade Ambiental**
- O discurso que acompanha as políticas públicas
- A introdução de atividades em novas áreas
- A inserção de áreas na economia globalizada
- O uso pelo “outro”.

d) Quadro Contendo:

1. Aspectos da Sustentabilidade Social/Econômica por: Município/Estado; Índice de Desigualdade; Índice de Pobreza e; Índice de Exclusão Social.

6) GT TERRAS INDÍGENAS

a) Tabelas Contendo:

1. Relação das Terras Indígenas (Situação Jurídica e Extensão Territorial) tendo a Br 163 como divisor com área de influência de aproximadamente 200 Km. Dados por: Terra Indígena; Povo; Extensão Territorial (ha); População; Município e; Situação jurídica.
2. Indicação de Terras Indígenas para Estudo Comparativo dos Impactos Sofridos no Trecho Cuiabá Sentido Campo Grande por: Terra Indígena; Povo; Extensão Territorial (ha); População; Município e; Situação Jurídica.
3. Relação das Organizações Indígenas e Instâncias de Participação Indígena referentes as 14 Terras Indígenas apresentadas.
4. Dados da Educação por: Terras Indígenas; Número de professores; Escolas por aldeias; Séries e; Situação funcional.
5. Modalidades de Interferência do Setor Elétrico em algumas áreas por: Áreas Indígenas, Superfície km²; População; Povo e; Tipo de interferência.

b) Síntese dos dados apresentados na área de confluência de 200 Km da Br 163:

- 14 Terras Indígenas totalizadas; 10 T.I Homologadas e Registradas; 02 T.I Identificadas; 01 T.I Delimitada sub-judice; 01 T.I Sem informação; 25

povos distribuídos entre 19 municípios e perfazendo uma população aproximada de 7.300 pessoas;c) **Parque Indígena do Xingu - PIX**

Atividades Produtivas

- A pesca e a agricultura representam o núcleo das atividades produtivas.
- Principais itens da alimentação dos povos do Alto: beiju e mingaus (feitos a partir do processamento da mandioca brava) e o peixe sendo este a principal fonte regular de proteína animal.Região norte e central do PIX consomem também a carne vermelha e possuem uma agricultura mais variada.Entre os povos do PIX, os Kaiabi possuem uma agricultura sofisticada por cultivarem diversas espécies de amendoim, macaxeira, cará, batata-doce, mangarito e banana. Elaboram também diferentes tipos de beiju e mingausOs Yudjá são conhecidos pela produção do Caxiri (mingau de mandioca fermentada), atualmente consumido também pelos Kaiabi, Suyá e Trumai.Cultivos agrícolas
- Mandioca, milho, mamão, abóbora, melancia, amendoim, urucum, fumo (estes dois últimos produtos são utilizados para fins cerimoniais), cabaça, algodão (para produção artesanal) entre outros.Artesanato
- Boa parte dos materiais empregados na elaboração de artesanato é de origem nativa: madeira, embira, fibra de buriti, algodão, etc.
- Usa-se também produtos industrializados: miçangas de porcelana e vidro, fio de lã e algodão, lata, etc.
- O artesanato é uma importante fonte de renda para os xinguanos. A relação com o mercado pode ser feita via iniciativa familiar ou via ATIX, que atualmente define estratégias para ampliar o relacionamento com o mercado especializado em artesanato indígena no Brasil.

Produção de mel

- Projeto de Cooperativa do Mel desenvolvido em 05 comunidades: Suyá, Trumai, Ikpeng, Yudjá e Kaiabi em parceria com o ISA.Casa Central do Mel no Posto Diauarum (embalagem e envio para o mercado do Rio de Janeiro e São Paulo).Produção média/ano: 2 toneladas

Produção de óleo de pequi

- Projeto desenvolvido nas comunidades: Ikpeng, Trumai, Kamaiurá, Yawalapiti, Kalapalo, Wauja, Suyá, Matipu, Nafukwá, Kuikuro e

Mehinako. Tipo de pequi do Xingu, não é encontrado em outras regiões; Objetivo do projeto é congrega esforços para uma produção constante para ser vendida a grande empresa de cosméticos.

Saúde

- Funcionamento do Distrito Sanitário Indígenas/Xingu, convênio firmado entre a UNIFESP (responsável pela execução das ações de atenção básica desde as aldeias até os serviços de referência do SUS regional) e FUNASA (responsável pelo repasse dos recursos financeiros, monitoramento e acompanhamento das ações e controle de doenças endêmicas). Manutenção do Programa regular de formação dos Agentes Indígenas de Saúde, pela UNIFESP.

d) Terra Indígena Panará:

- População quase extinta vitimada por gripes e diarreias após a abertura da Br 163, Em 1973 a população somava 400 pessoas e Em 1975 a população estava reduzida a 70 pessoas.

e) Considerações:

- A TI Panará junto com as TIs Mekragnoti e Baú, encontram-se na área de influência direta da rodovia (50Km) tendo sido alvo de estudo do EIA;
- Estas 03 Tis formam o maior corredor contínuo de área protegida na área de influência direta da rodovia equivalendo aproximadamente, a 6 milhões e 995 mil ha.

f) Fontes Utilizadas:

- Koifman, Sergio. "Geração e transmissão da energia elétrica: impacto sobre os povos indígenas no Brasil". Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 17(2):413-423, mar-abr, 2001.
- Fundação Nacional do Índio - FUNAI – MT/2001
- Instituto Socioambiental, SP/2000
- Secretária do Estado de Educação de Mato Grosso – Dados Escolares 2004.

7) GT RECURSOS HIDRÍCOS

O espaço do GT foi cedido para o Coordenador do Programa Pantanal, Valmir Ortega, que apresentou o Programa da Reserva da Biosfera. Não dispomos no momento do material para compor este relatório.

4. Encaminhamentos:

1. A UNEMAT publicará editais para projeto de pesquisa e extensão, com temas direcionados aos setores do MTSD, potencializando os estudos dos GTs setoriais do Projeto MTSD.
2. O levantamento de dados será feito em todo o Estado, mas destacando áreas prioritárias para estudo como: Eixo da BR 163, Araguaia, Sudoeste-Cáceres, Baixada Cuiabana e Portal da Amazônia.
3. Os GTs deverão focalizar suas ações no levantamento de dados que deverão ser apresentados em maio de 2005 durante o Festival das Águas.
4. A realização de uma oficina para melhor definir os indicadores sustentáveis.
5. A realização de Seminários Regionais – Festival das Águas em maio e Encontro de Economia solidária em outubro e um Seminário Estadual em Cuiabá.
6. A elaboração de um cronograma de reuniões com os GTs, por parte da Coordenação Interinstitucional, para discutir temas de interesse setorial e a Matriz Analítica.

OBS: Apontou-se também a necessidade em definir uma Secretaria Executiva para o Projeto MTSD.

5. ANEXOS

5.1. PAUTA DA REUNIÃO DIA 04 DE DEZEMBRO 2004.

Local: Clube da CEF

Início 08:30 horas

Horário	Trabalho	Responsável	Recurso
08:30 as 09:00 hs	Atualização do Projeto MTSD	Coord. Inster- institucional	
09:00 as 09:20	GT Agricultura	Vicente	Data Show
09:20 as 09:40	GT Cidades	Adália/ Glória	Data Show
09:40 as 10:00	GT Agroindústria	Praxedes	Data Show
10:00 as 10:20	GT Mineração	Amintas	Data Show
10:20 as 10:40	GT Turismo	Clóvis	Data Show
10:40 as 11:00	GT TIs	Paula	Data Show
11:00 as 11:20	Reserva da Biosfera	Valmir Ortega	Data Show
12:00 as 13:30	Encaminhamentos de trabalhos para 2005.		
14:00	Almoço		
Tarde	Piscina, jogos etc.		

* Os GTs de Educação, Extrativismo Vegetal e Animal e Infra estrutura não fizeram apresentações.

5.2. RELAÇÃO DOS GTs E SEUS COORDENADORES

1. Agricultura – Vicente
2. Cidades – Inácio
3. Educação – Lucileide e Edinéia
4. Extrativismo Vegetal e Animal – Fábio
5. Agro-indústria – Aníbal e Praxedes
6. Infra Estrutura – Pardal
7. Mineração – Amintas
8. Recursos Hídricos – Solange Ikeda
9. Turismo – Clovis
10. Terras Indígenas – Elton e Silas
11. Unidades de Conservação – André

5.3. RELAÇÃO DE PARTICIPANTES – REUNIÃO DIA 04/12/2004

NOME	INSTITUIÇÃO	EMAIL	TELEFONE
1. Fábio Nolasco	UNEMAT/Cáceres - Agronomia	fabionol@terra.com.br	
2. Amintas N. Rossete	UNEMAT/ Nova Xavantina	amnrote@uol.com.br	
3. Solange Ikea Castrillon	UNEMAT/ PROEC/GAIA	proec@unemat.br ; ikedac@ibest.com.br	
4. Jonia T. Fank	OPAN/FORMAD	formad@terra.com.br	
5. Luciana Rebellato		lurebellato@hotmail.com	
6. Rogaciano Gemaque		gemake12@hotmail.com	
7. Vera Lúcia Santos	ANEPS/MT		96073236
8. Suely Corrêa de Oliveira	ANEPS/MT	j.leite@uol.com.br	6632071
9. Ilma Ferreira Machado	UNEMAT	ilmaf@terra.com.br	
10. Solange Pereira da Silva	GTME/FORMAD	Silas.gtme@terra.com.br	
11. Antonio João Castrillon		ajcastrillon@terra.com.br	
12. Luciana Ferraz	UNIC/UFMT/FORMAD	lucianaferraz1@ibest.com.br	
13. Gerson Rodrigues da Silva	UFMT/FAECC/Economia/ICHS/GERA	grsilva@cpd.ufmt.br	6158533
14. Rogério Oliveira Costa	UNEMAT/UNITRABALHO	rogecos@hotmail.com	
15. Adália Maria da Silva	MOPS/Centro Burnier	novafrequencia@hotmail.com	
16. Glória M. G. Muñoz	GSP/FORMAD	gspmt@terra.com.br	
17. Lucileide Domingos	GERA/UFMT	ludoque@terra.com.br	
18. Laudemir Luiz Zart	UNEMAT/PRPPJ	zart@unemat.br	99890131
19. Inácio J. Werner	Centro Burnier Fé e Justiça - CBFJ	cbpj@brturbo.com	6221690 92361499

NOME	INSTITUIÇÃO	EMAIL	TELEFONE
20. Lisanil C. Patrocinio	UNEMAT/Geografia	lisanil@ig.com.br	
21. Silvia Marques C.	Esc. Dep. Carlos Abicalil/SINTEP	silvia.mt@terra.com.br	
22. Solange Alves	GTA	gtamt@terra.com.br	
23. Dilma Costa	UNEMAT/Geografia - Cáceres	costad.@terra.com.br	
24. Clovis Vailant	UNEMAT/UNITRABALHO	vailantc@terra.com.br	
25. Vicente J. Puhl	FASE/FORMAD	vjpfase@terra.com.br	
26. Paula Vanucci		pvanucci@hotmail.com	
27. Valmir Gabriel Ortega	Ministério do Meio Ambiente	valmir.ortega@mma.gov.br	61 33014150
28. Acácio A. Pagan	UNEMAT/Tangará da Serra	apagan@bol.com.br	
29. Rosangela M. F. Aguiar	UNEMAT/Tangará da Serra	rosangelaagui@unemat.br	
30. Edinéia Tavares Lopes	UNEMAT/Tangará da Serra	edineiat@terra.com.br	
31. Leiva Coleta S.Matias	SEDUC	leivasanti@uol.com.br	
32. Silas da Silva Moraes	GTME/Cuiabá - MT	Silas.gtme@terra.com.br	
33. Praxedes da Silva	GERA	praxedesp@hotmail.com	
34. Elton Rivas	OPAN/FORMAD	opan@terra.com.br	

5.5 RELAÇÃO DAS ENTIDADES QUE COMPÕE O PROJETO MTSD

1. ADERCO – Associação de Defesa do Rio Coxipó.
2. AEMA – Associação Ecológica e Meio Ambientalista
3. ARCA – Associação para Recuperação e Conservação do Ambiente
4. CDHDM B – Centro de Direitos Humanos Dom Máximo Biennés
5. CBFJ – Centro Burnier Fé e Justiça
6. CIMI – Conselho Indigenista Missionário
7. CPT/MT – Comissão Pastoral da Terra - Regional Mato Grosso
8. CUT – Central Única dos Trabalhadores
9. ECOTRÓPICA – Fundação de Apoio a Vida nos Trópicos
10. FASE Programa Regional MT – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional
11. FLEC – Fórum de Lutas e Entidades de Cáceres
12. Fórum de Combate ao Trabalho Escravo
13. GERA – Centro de Estudos e Pesquisas do Pantanal, Amazônia e Cerrado.
14. GSP – Grupo de Saúde Popular
15. GTA / MT – Grupo de Trabalho Amazônica
16. GTME – Grupo de Trabalho Missionário Evangélico
17. GTNA – Grupo de Trabalho de Agroecologia do Amazonas
18. ICV – Instituto Centro de Vida
19. Instituto GAIA
20. IPJP – Instituto Padre João Peter (GTA/Norte)
21. MOPS – Movimento Popular de Saúde
22. OPAN – Operação Amazônia Nativa
23. SINTEP – Sindicato dos Trabalhadores do Ensino Público de MT
24. UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso
25. UNEMAT – Universidade Estadual de Mato Grosso

5.6 FOTOS

Fotos da Plenária

Fotos: Clovis Vailant

Para quem tiver interesse, favor retornar solicitando, pois em anexo fica muito carregado.